



ESPECIAL: Um olhar sobre o Oriente Médio

Mais um passo na agenda bélico-petrolífera norte-americana

José Domingues de Godói Filho

Professor do Departamento de Geologia Geral do Instituto de Ciências Exatas e da Terra da Universidade Federal do Mato Grosso



Da mesma maneira que é equivocado pensar que todo árabe é muçulmano, ou que todo muçulmano é árabe, ou confundir judeu com árabe e com muçulmano, ou desconhecer que um judeu pode ser árabe ou de outra origem étnica, também o ataque ao Líbano não é apenas um projeto militar israelense, mas constitui parte do planejamento bélico-petrolífero norte-americano para além do Oriente Médio.

As alianças militares que se iniciaram com a invasão do Iraque pelo Governo Bush-pai permitem compreender melhor as atuais ações de Israel e seus aliados, incluindo os EUA, a Inglaterra, a Turquia e os estados da OTAN. Documentos produzidos nos últimos anos pelo governo americano apontam, de forma explícita, a Síria e o Irã como objetivos para uma ação militar dos EUA. É exemplar, neste sentido, a declaração conjunta feita pelo presidente George W. Bush e pelo primeiro-ministro Tony Blair, na Casa Branca, em 28 de julho de 2006, algumas semanas depois de Israel iniciar os seus ataques ao Líbano: *“A mensagem para eles (Irã e Síria) é muito simples. Irã e Síria têm uma alternativa. Eles podem até pensar que podem evitar essa alternativa, mas não podem. E, no momento em que a situação marchar, como tem ocorrido no Líbano durante as últimas semanas, só lhes sobrar uma alternativa. Ou participam como membros res-*

ponsáveis da comunidade internacional ou enfrentarão os riscos de um aumento no enfrentamento”.

A avaliação geopolítica da guerra contra o Líbano deve, portanto, ser analisada, não como vem sendo apresentada pelos meios de comunicação do Ocidente - um conflito limitado ao exército de Israel contra o Hezbollah, mas sim como parte de uma agenda norte-americana muito mais ampla e que se estende do

Mediterrâneo até o extremo Oriente.

E o que buscam os EUA com essa nova empreitada sobre o Oriente Médio? O mesmo que buscaram, como um dos seus objetivos, ao entrarem na segunda guerra mundial - o acesso às jazidas de combustíveis fósseis existentes na região. O que se tornou explícito desde a guerra de junho de 1967 (invasão do Egito por Israel) e se agravou com a possível inflexão da produção de petróleo em escala mundial, prevista para o início da próxima década.

Os EUA, que mostram em sua matriz energética forte dependência dos combustíveis fósseis e consomem pelo menos 27% de toda a energia disponibilizada para consumo no mundo, possuem reservas suficientes para atender à sua demanda por apenas cinco anos. Com o fim do petróleo barato e a previsível diminuição da produção mundial de petróleo, a máquina econômica e de guerra dos EUA estará sob o forte risco de ser fragilizada e de ter a sua posição hegemônica ameaçada já na segunda década do século XXI.

A nova doutrina de segurança formula-

da pelo atual governo Bush que “auto-outorga” aos norte-americanos o direito de interferir militarmente em qualquer região do mundo onde seus interesses sejam contrariados - ou de garantir a “democracia e a paz” associada às estratégias militares adotadas pela administração Clinton - está e sempre esteve orientada no sentido de assegurar o controle sobre o petróleo do Oriente Médio, sob os pontos de vista econômico e militar. O Governo Bush visa, com suas ações, a controlar militarmente as estratégicas regiões do Golfo Pérsico e do Mediterrâneo e abrir para a exploração, pelas empresas americanas, os campos de gás e óleo.

Atualmente, 70% da produção mundial de óleo são provenientes do Oriente Médio. Quarenta por cento da produção mundial diária de petróleo passam pelo Estreito de Ormuz (lado norte do Golfo Pérsico). Essa região é dominada pelo Irã, cujo governo que assumiu depois da derrubada do Xá Reza Pahlavi - imposto pelos americanos nos anos 50 para garantir a drenagem do petróleo iraniano - tem se mostrado contrário aos interesses dos EUA.

O Irã, detentor da segunda maior reserva mundial de petróleo, na avaliação dos EUA, representaria ainda, pela posição geográfica estratégica que ocupa, uma ameaça aos campos petrolíferos da Arábia Saudita, Kuwait, Iraque e Emirados Árabes que, juntos, somam mais de 50% das reservas mundiais conhecidas. Se não

bastasse, o Irã tornou-se o terceiro maior fornecedor de petróleo para a China (um dos maiores concorrentes dos EUA na aquisição de óleo) e assinou com a empresa chinesa SINOPEC um contrato de exploração de gás natural líquido em território iraniano para os próximos 25 anos. Assim, como fez na década de 50, quando derrubou o governo de Mossadegh e impôs ao Irã o retorno do seu fiel escudeiro, Xá Reza Pahlevi, os EUA buscam agora substituir, a qualquer preço, o governo iraniano por outro mais “democrático” e fiel aos interesses das empresas americanas e inglesas. Mesmo que isto signifiquem, contrariamente ao

que divulga, se associar e proteger um grupo terrorista como o MEK Mujahedine do Povo, que tem base no Iraque e promove atos terroristas contra o Irã.

Na outra região estratégica, no lado leste do Mediterrâneo, em 13 de julho de 2006, foi inaugurado, sem maior repercussão na imprensa, o oleoduto Ceyhan-Tblisi-Baku (BTC) que liga o Mar Cáspio (Baku, no Azerbaijão) ao Mediterrâneo (Ceyhan, na Turquia), passando por Tblisi, na Geórgia. Importante registrar que, com o fim da URSS, o Azerbaijão e a Geórgia tornaram-se “protegidos” dos EUA, com quem celebraram acordos militares, e passaram a integrar a OTAN. Isso sem nos esquecer que, há muito tempo, ambos mantêm acordos de cooperação militar com Israel.

Pelo oleoduto da BTC Co. serão drenados alguns milhões de barris de óleo que engordarão os cofres de seus sócios: BP (30.1%), AzBTC (25.00%), Chevron (8.90%), Statoil (8.71%), TPAO (6.53%), Eni (5.00%), Total (5.00%), Itochu (3.40%), INPEX (2.50%), ConocoPhillips (2.50%) e Amerada Hess (2.36%), conforme dados divulgados pela BP (British Petroleum). Estiveram presentes na inauguração vários chefes de Estado, o Ministro da Energia de Israel, acompanhado de uma delegação israelense composta pelos principais interessados na exploração do óleo, e presidentes das maiores companhias de petróleo do ocidente.

O ataque ao Líbano faz parte da estratégia militar americana e israelense para garantir a existência de uma nova rota para transporte de óleo, para a segurança do oleoduto da BTC Co. e para, no futuro, Israel controlar a costa leste do Mediterrâneo com o apoio da Turquia. O que garantirá aos EUA e à Inglaterra a formação de um novo bloco estratégico de interesse para as empresas petrolíferas do Ocidente na região do Oriente Médio e Ásia Central.

O oleoduto da BTC Co. levará parte do óleo para Israel, via um oleoduto submarino - Israel-Turquia - que ligará Ceyhan ao porto israelense de Ashkelon. A partir daí um sistema de dutos levará o óleo ao Mar Vermelho (porto de Eilat). O objetivo de Israel não é de apenas adquirir o óleo necessário para o seu consumo, mas também re-exportar o óleo vindo do Mar Cáspio para a Ásia, reorientando sua rota

“O governo Bush quer controlar militarmente o Golfo Pérsico e o Mediterrâneo para abrir os campos de petróleo”